

# REINVENTAR-SE... SEMPRE!!!

**Com: Irene Ravache - dia 30/09/2019**

**Mediador: Jorge Félix**

*Abertura: Maria Celia de Abreu abre o evento, agradecendo a presença da plateia e explicando o Ideac; menciona suas atividades e produtos, inclusive o projeto Reinventar-se... sempre!, apresenta os participantes da noite, e passa a palavra para o mediador Jorge Félix.*

**Jorge:** Primeiro, obrigado, boa noite para todo mundo. E obrigado pelo convite, é um prazer enorme estar aqui com a Irene. Já estivemos juntos em algumas ocasiões, não é, Irene?

**Irene:** Inclusive do Ideac.

**Jorge:** Inclusive do Ideac. Andanças do teatro e também do Ideac. Então, como o nome do ciclo, e a proposta, é de reinvenção, que todos nós estamos atrás sempre, eu quero começar com esse tema, para a Irene falar com a gente. E aí, fazendo uma observação, porque pelo menos a percepção do público eu acredito que seja essa, como você tem um vida profissional de atriz, que claro, variam os papéis, os trabalhos, etc, mas as vezes as pessoas podem ter uma percepção que não precisa de reinvenção. Nós tivemos os outros entrevistados aqui que tiveram uma mudança de carreira, uma mudança na vida, até radical, profissionalmente. Foi pra dramaturgia, saiu do jornalismo... Então eu queria perguntar para você isso: o que é a reinvenção para você e como é esse desafio de você se reinventar, mesmo sendo sempre atriz.

**Irene:** Boa noite para todo mundo.

Não tem isso. Não tem desafio e não tem reinvenção. Eu vou vivendo. Se eu perguntasse para minha avó paterna, minha avó materna: “O que a senhora faz para se reinventar?”, elas iam dar uma gargalhada na minha cara. Elas iam vivendo, elas iam fazendo. Eu não me dou conta – eu só me dou conta de que acabou sendo um desafio, ou acabou sendo algo criativo, porque as pessoas me contam; mas eu mesma não vou pensando nisso. Eu sou: “O que temos para hoje?”

A gente sempre tem que dar conta de alguma coisa: é da casa, é do filho, da mãe, do pai, de uma tia mais velha... e a gente vai fazendo.

Então, eu até acredito que alguma coisa que eu tenha feito resultou como uma reinvenção; mas, não foi de caso pensado. Não. Fui fazendo, fui sendo, vou fazendo.

A Maria Celia falou sobre o Alzheimer, você (*dirigindo-se a Jorge Félix*) tem um filme sobre o Alzheimer. Minha mãe teve Alzheimer. Eu fui tentando. Algumas coisas foram dando certo, outras nem tanto, era a primeira vez que eu tinha um Alzheimer tão pertinho de mim... Depois, claro, você vai se valendo de livros, de experiências de pessoas que estão próximas...

Mas eu acredito que, mesmo quando eu fazia coisas novas com a minha mãe, que eu estivesse inventando: alguém já devia ter feito aquilo antes.

Aliás, em matéria de reinvenção, no meu trabalho, os gregos já fizeram tudo (*risos*). Fizeram tudo. Já escreveram sobre tudo. Os que vieram depois fizeram uma releitura e foram fazendo à sua maneira. E eu penso que muitas coisas também são por aí.

**Jorge:** E a gente vê isso nas séries, né, minha mulher gosta muito de séries, e eu não gosto; então na hora em que ela coloca uma série lá para eu assistir, eu assisto um pouco e tal, e falo: “mas isso aí é Shakespeare, isso aí é...”; a gente consegue identificar qual é a história em que ele se baseou, aquilo que você estava falando, explica bem o... fica sem graça a série...

**Irene:** Você acha?

**Jorge:** Eu acho.

**Irene:** Eu não acho. Imagina... (*risos*)

**Jorge:** Algumas adaptações são...

**Irene:** Pega pra capar... (*risos*) Eu faço parte de uma profissão onde o bacana é justamente isso: se nós tivermos hoje em cartaz dez, doze montagens do Hamlet, nós vamos assistir dez, doze montagens diferentes, com interpretações diferentes do Hamlet; ainda que todas baseadas numa mesma obra, ou inspiradas nessa obra, cada uma faz a sua releitura, sempre tem o jeito pessoal.

Tem uma coisa de que os meus colegas em geral não gostam: quando um diretor ou sobe ao palco, ou insinua, ou mostra como o ator deveria fazer. Eu adoro. Primeiro porque acho que economiza um tempo extraordinário (*risos*). Muitas vezes o diretor não tem a palavra certa para dizer o que está esperando do ator; então, vai lá, e faz a cena! Aí, por mais que eu queira imitá-lo, eu vou fazer diferente. Eu só vou começar imitando. Eu não penso: “Eu é que vou fazer esse cena...” ... não; se alguém sabe fazer e quiser me mostrar o caminho, vai lá que eu vou copiar que é uma beleza. Vou começar copiando, mas depois a cena vai ganhando o meu jeito. Se você

é homem, eu sou mulher; se você tem uma vivência, eu tenho outra; você tem uma experiência, mas a minha experiência é completamente diferente da sua; a cena, então, depois de muitas repetições, vai ser diferente.

Eu assisto muitas séries. Meu marido também. A gente não combina no gosto. Aliás, a gente não combina em nada (*risos*)... é inexplicável que a gente tenha continuado esse casamento por tanto tempo. Ele é fã de determinadas séries que eu não sou. Atualmente estou assim: eu vou ter que sofrer? Estou fora. Não quero sofrer. Não quero. Envolveu criança, não quero ver. “Ah, mas você está fugindo!” Estou sim! Quem quiser assistir que assista, eu não quero. Já é meu direito. Então se ele quer lá sofrer, ver aquelas coisas, então ele veja.

**Jorge:** É bom saber disso (*risos*). Eu tenho vinte e cinco anos de casado, você deve ter mais...

**Irene:** Daqui a dois anos faço cinquenta (*risos*), do meu segundo casamento...

**Jorge:** Então, provavelmente, tenho mais chance se... vamos assistir séries diferentes!

Mas você falou que não tem essa ideia da reinvenção, vamos dizer assim, como o *start*, o motivador para você fazer coisas, etc. Mas depois que você olha para trás, como no caso da sua mãe, ou mesmo no caso de trabalhos, peças, novelas, você pensa: “Po, como que eu consegui fazer aquilo, como que eu me reinventei – vamos usar a palavra que você não quer - mas como eu me reinventei, bem, ou mal, me reinventei ou não...”

**Irene:** Olha, muitas coisas acabaram dando certo; alguém lá em cima falou: “Vou botar uma luz em cima dessa coitada que vai dar certo”.

**Jorge:** E quais são esses momentos?

**Irene:** Ah, alguns momentos. Eu fiz por exemplo um espetáculo chamado *Roda Cor de Roda*. Em 1975. Um texto da Leilah Assunção, direção do Antônio Abujamra. Com a Lilian Lemmertz, uma atriz esplendorosa, e o Rolando Boldrin. A estreia não foi com o Boldrin, foi com o João José Pompeo.

A história gira em torno de um casal: ela chama-se Amélia, e era o meu personagem; ela é o protótipo da dona de casa, que trabalha dentro de casa, fica esperando o marido. O marido tem uma amante linda, que era a Lilian Lemmertz. Eu não acertava o papel; nada que eu fazia agradava ao diretor; nem a mim. Em determinado momento, essa Amélia fica indignada, porque a amante vai à casa dela... a cena era assim: a Lilian Lemmertz, aquela beleza, batia à porta, eu abria, ela esticava um braço enorme, e esticava um dedo, e na ponta do dedo tinha um botão; e ela dizia: “Eu trouxe para você pregar. Caiu da camisa dele”. (*risos*) . Era uma

maravilha! A Amélia ficava tão revoltada com aquilo, tão revoltada, que ela se transformava. Ela dizia: “Chega. Pra mim chega. Isso aqui vai mudar. Morreu Amélia, nasceu Batalha. Eu vou transformar essa casa num puteiro, eu vou tirar essa luminária, eu vou colocar (isso é do texto) eu vou colocar caralhos enormes aqui (*risos*) dominando tudo”; ela virava uma putona. E não havia meio de eu fazer essa mudança. Não havia meio. Não tinha criatividade para isso.

Aí estava num almoço de domingo em Santo André, na casa da minha tia-avó Tereza... uma figura: parecia uma princesa russa. Ela usava pérolas, sempre, no almoço, no jantar, no lanche, no café da manhã, eu acho que ela tomava banho com as pérolas, que a tia Tereza acordava com aquelas pérolas. E tinha uma postura que eu jamais consegui ter, sentava-se empezinha, nos ísquios. A tia Tereza sentava-se à cabeceira, meu avô sentava-se na outra cabeceira. Começou o almoço, eu olhei tia Tereza linda, aquela senhora, distinta... e passou pela minha cabeça (*risos*): “E se a tia Tereza, agora, abrisse os quatro botões da blusa, tirasse um peito pra fora, um só, e continuasse comendo, conversando com a gente, com aquele seio pendurado... assim...”. Decidi: “É isso que eu vou fazer”.

De tarde, no ensaio, na hora que eu tinha que me transformar de Amélia para Batalha tinha uma mesinha, eu subi na mesa, tirei o vestido, botei o sutiã para baixo, botei os dois peitos para fora. Aí achei que era pouco, peguei pelo bico, e sacudi (*risos*). Nasceu Batalha!!!!.... Aí foi uma loucura. Inspirada na tia Tereza; que nunca soube disso. (*risos*). Senão ela nunca mais teria falado comigo.

Foi um sucesso extraordinário. Ganhei por unanimidade o prêmio Molière, que era o prêmio mais importante de teatro. Era a primeira vez que houve unanimidade. Com esta maluca. E graças à tia Tereza.

Então, não foi uma elaboração: “Ah, vou levar, vou construir, vou por aqui...” Claro, aqui tem um monte de psicólogo, que eu sei, e que devem dizer assim: “Já estava elaborando faz tempo e ela não sabe”. Exatamente: não sei.

**Jorge:** E já que você falou em tia Tereza, antes já falou da sua mãe, como é seu diálogo hoje, agora com mais de setenta, com essas outras gerações mais antigas da sua família? O que você percebe que você ou busca nelas, ou copia delas, ou se surpreende muitas vezes com uma atitude que você as vezes toma nessa atitude - como é seu diálogo com essas gerações e quem te influencia mais da sua família, quais as mulheres, se a sua mãe ou não...

**Irene:** Eu adoro os velhos da minha família. Acho que se eu hoje estou caminhando bem na minha velhice, é porque eu tive bons exemplos dentro de casa.

A minha avó materna chamava-se Otávia, e era uma mulher divertida. Reclamava um pouco, da dorzinha, esse nhem-nhem-nhem que a gente tem, “ah hoje está difícil, ih minha filha, você não sabe, quando muda o tempo, como dói, (*risos*)”, mas logo em

seguida vinha alguma coisa divertida. Mesmo com tudo o que passou, e não foi pouco o que ela passou, continuava divertida. Acho que foi porque ela teve uma infância divertida: treze irmãos, todo mundo tomava seu café com leite, almoçava, jantava – o que estou querendo dizer é que ela não passou privações; os irmãos iam brincar na roça, iam mergulhar no rio, e ela me contava: “Foi assim que eu aprendi a nadar”; ela brincava com filhas de escravos; eu acredito que ter escravos era uma coisa comum das famílias. Eu nasci no Rio de Janeiro, essa minha avó materna era do Estado do Rio de Janeiro. Minha avó Otávia gostava de ir ao cinema.

A minha avó paterna perdeu um filho no mesmo mês e ano em que eu nasci: em agosto de 44. A grande torcida então era que nascesse o Eduardo... mas nasci eu. Minha avó se vestiu toda de preto durante um bom tempo. Nas fotos que eu estou no colo dela, ela esta sempre de preto. Então ela não era uma mulher alegre, mas ela pintava e ela cantava.

O avô materno não conheci. Era um cachorro (*risos*), cachorro mesmo: abandonou a minha mãe quando ela tinha quatro anos, de uma forma horrorosa, e depois a vida dele inteira – olha que coisa interessante esse homem – a vida dele inteira ele foi tendo filhos e abandonando os filhos. Que caminho ruim, não é?

O avô paterno era um homem, eu não diria divertido, mas ele era um homem que tinha senso de humor. Um senso de humor alemão... mas tinha (*risos*).

Eles contavam muitas histórias das famílias deles. Eu gostava muito de ouvir. Nós somos sete netos, e fomos criados com muita amizade entre nós, até hoje. E eu quero acreditar que isso se deva a essas histórias que nós ouvíamos, e eles falavam – do que que eles falavam – eles falavam dos pais deles; isso acho que me deu o que a gente chama de pertencimento. O que me agrada, muito. Essas lembranças são muito acolhedoras para a minha alma. Acho que isso me deu um estofo bom na vida.

Agora a minha mãe. Sou filha única. Eu não tinha uma relação muito boa com a minha mãe, não, era bem conflituada. A minha mãe tinha alguns planos para mim, e eu não fui atrás desses sonhos dela.

Um deles era que eu estudasse piano, e eu lamento ter me rebelado, porque eu hoje poderia tocar piano. Mas eu fui uma aluna relapsa, talvez rebelde, porque eu queria estudar balé, não piano. Porém, ela me colocou na Escola Nacional de Música, lá no Rio de Janeiro, o que me permite ler pautas, por exemplo; eu estudei iniciação musical, contraponto... mas eu não gostava, eu ia de mau humor, né, adolescente... chata... eu ia de mau humor.

O meu primeiro casamento não foi do agrado dela também.

Em muitas coisas ela estava certa; a forma de falar é que conflituava. Minha mãe tinha uma personalidade muito dura com ela mesma, apesar de ser muito engraçada. Ela era muito engraçada. Vou contar umas histórias da minha mãe.

Minha mãe um dia me telefona umas seis e pouco da manhã. “Olha, minha filha, deixa eu te falar uma coisa, minha filha, se me sequestrarem, você não paga”. *(risos)*. Seis e pouco, eu não tinha aberto direito o olho ainda, falei: “Mãe, do que você está falando? Como assim, mamãe, o que que é isso?” “Minha filha, é assim: se me sequestrarem, você não paga!” “Mas, mamãe, por que é que vão te sequestrar?” “Não sei, não sei... porque agora você trabalhando, você está fazendo novela, você foi aí pra Rede Globo... então, não, não quero ninguém dando bom dia com o teu chapéu; então você não paga!” “Bom, mamãe, e aí eu faço o quê? Eu digo o quê? Vamos supor, sequestraram você...” “ Ah, esse é um problema seu, minha filha!” *(risos)*. Passou, né...

**Jorge:** Passou o problema pra você...

**Irene:** Agora isso aí a Irene resolve... Outra história maravilhosa de mamãe. Um dia ela chegou para mim e falou assim: “Irene, você sabe que eu doei meus órgãos, doei tudo”. “Sei, mamãe, você me mostrou, e tal...”. “Mas eu estou vivendo muito. *(risos)*. “E...?” “Então eu acho que não vão aproveitar nada!” *(risos)* “Sei, mamãe, e aí? Não, mamãe, e aí? O que você quer que eu faça? Que providência você quer que eu tome pra você ficar tranquila com tudo o que você doou?” “Ah, não sei, minha filha, mas você podia pensar...” “Eu não vou pensar em nada, mãe, para pra pensar você no que você está falando!...”

Ela era engraçada... mas... ela tinha depressão. É brabo, né, ter depressão. E teve Alzheimer. Demorei para entender, demorei para perceber o que era. Começou a se perder: “ah, minha filha, eu saí e não sabia voltar”... No início, eu fiquei com muita raiva; raiva dela; uma raiva! No começo porque eu achava que ela podia prestar atenção. Ela pegava o controle da televisão e ficava apertando o mesmo botão; eu dizia: “mamãe, olha aqui, mamãe, presta atenção”. Eu demorei para entender que era involuntário. Que fazia parte de uma doença. Claro que eu fiquei péssima com isso depois. Mas não sabia: era nossa primeira vez na doença.

**Jorge:** E como foi que você percebeu? Quem foi que fez você perceber essas coisas?

**Irene:** Alguns acontecimentos que mostraram que as coisas realmente não estavam bem. Nós morávamos a uma quadra do apartamento de mamãe. Muito contra a vontade dela, que sempre foi muito independente, nós colocamos uma moça para morar lá e cuidar dela. Meu marido é jornalista, e ele foi trabalhar na *Folha de Londrina*, no Paraná. Eu estava fazendo excursão com uma peça de teatro. Então, às vezes, às segundas e terças, que são os dias da folga do ator, ao invés de eu vir pra São Paulo, onde nós moramos, eu ia pra Londrina. Numa certa segunda-feira minha mãe iria ao médico. De manhã cedo já estava tudo organizado, o dinheiro do taxi,

tudo direitinho. Eu liguei e a moça que cuidava da minha mãe disse assim: “Dona Irene, a dona Lígia está muito esquisita. Ela não está falando igual ao que fala todo dia. E outra coisa: ela tomou o banho, botou uma blusa e ela está arrancando os botõezinhos da blusa”. Falei: “Me passa ela. Mamãe, mamãe, você está arrancando os botões da sua blusa?” “Não”. “Mas a – esqueci o nome da moça – falou que você está arrancando os botões da blusa”. Aí a outra palavra foi: “Foi”. “Foi o que, mamãe, o que você está falando? Pera aí, mamãe, você vai ao médico hoje, você sabe, né?” “Médico”. Aí eu liguei pro meu filho, e falei: “Vai lá, acompanha a vovó pra entrar no taxi junto com a cuidadora”. Meu filho foi, me telefonou e disse: “Mamãe, eu não vou largar minha avó, ela não sabe quem eu sou”. Eles se viam todos os dias; ela acordava, tomava café e ia lá pra minha casa e ficava até a hora em que dizia: “Agora, minha filha, quero ir para minha casa pra ver minha novelinha”. Londrina não tem uma ponte aérea como São Paulo-Rio; eu já não tinha mais como tomar um avião para vir para São Paulo; eu falei: “Bom, então chegando lá no médico, eu quero conversar com ele”. Mas o médico - era uma dessas bênçãos de ter médico na família - me falou pelo telefone: “Irene, vou internar a vovó, eu preciso fazer uns exames nela”. E foi assim. Foi muito rápido. Foi galopante.

E aí eu fui tendo que me adaptar a isso nessa jornada que durou sete anos. Eu tive muita ajuda do Edison, do Juliano, que morava aqui; o Hiram, meu filho mais velho, morava no Rio. E fomos aprendendo a fazer as coisas.

A minha mãe estava já há uns quatro anos bem ausente. Ela sabia que eu era uma pessoa dela, mas ela não sabia que eu era filha dela. Uma vez perguntaram pra ela se ela tinha filho, ela fez assim (*gesto com a mão*), mostrando que era pequenininho. Enquanto a minha mãe reconheceu um copo e sabia se alimentar, eu a mantive em casa. A partir desse momento, eu comecei a admitir: “Eu vou internar a minha mãe”. Mas houve um episódio importante. Ela tinha três cuidadoras, que trabalhavam em turnos. Na verdade não eram cuidadoras; hoje em dia nós temos cuidadoras formadas, naquele tempo isso não existia. Então, o que acontecia: uma jogava a responsabilidade para a outra. Um dia, eu cheguei na casa da minha mãe, eram mais ou menos onze e meia da manhã, e mamãe estava sentada na cadeirinha de rodas, em frente à mesa; sobre a mesa, um joguinho americano cheio de migalhinha de pão. Quer dizer: ali ela tomou café e ali ficou, Nada, em nenhuma panela. Perguntei: “E o almoço da dona Lígia?” “Ah, a Doda vai fazer”. “E cadê a Doda?” “Ah, ela saiu”. Pensei: “Eu preciso de pessoas responsáveis”. A partir desse dia fui procurando um lugar para internar a minha mãe. Não deu certo no primeiro lugar que eu encontrei, mas no segundo. Por sorte a clínica era perto da minha casa, o que me facilitava ver minha mãe praticamente todos os dias. E minha mãe foi muito bem tratada.

Tem um episódio muito bonito que aconteceu nesses anos em que ela esteve internada. Eu tinha uma rotina: chegava lá, sentava ao lado da minha mãe, e conversava com ela como estou conversando com vocês. “Ah, mamãe, ontem eu fui lá numa palestra, no Ideac, pois é, eu estou fazendo um espetáculo...” – eu contava pra ela; tudo. Terminado esse primeiro relato, não tinha mais o que falar, uma vez

que eu não tinha com quem falar. E ela ficava deitadinha lá, o olharzinho parado, uma televisão ligada, que ela também não olhava. E eu estou lá olhando a televisão e eu escuto assim: “Fiii...lha”. Foi o tempo de eu virar e olhar, e o “Fiii...lha” já tinha acabado. Acabou. Coisa que até hoje eu me pergunto: se eu tive vontade de ouvir isso, se realmente eu ouvi isso, se eu ouvi o que é que aconteceu: houve uma faísca ali naquele momento? Eu sei dizer que eu estava totalmente desprevenida, vendo um pouco da televisão, com a mão assim em cima dela. Eu quase morri. Tive um acesso de choro. Eu me lembro que ainda fiz assim pra ela (*aceno com a mão*), tipo “vem”. Esse momento foi das coisas mais avassaladoras que aconteceram na minha vida. Logo em seguida minha mãe começou num declínio, declínio, declínio, até vir a falecer.

Eu viajava bastante com peças de teatro e tinha uma coisa que me incomodava muito: se a minha mãe viesse a falecer longe de mim. Não, minha mãe faleceu nos meus braços, o que eu acho uma bênção. Pra ela e pra mim. É também outra história muito esquisitinha.

Num domingo eu levantei, fui tomar banho, o Edison e o Juliano dormiam, eu estava lavando a cabeça, e eu escutei - eu não me drogo (*risos*), não fumo, não puxo fumo - mas eu escutei, e é bem dentro do ouvido, escutei o seguinte: “Vai ver sua mãe e fica quieta”. Era uma ordem tão “não resta a menor dúvida”, que eu terminei o meu banho, peguei a revista *Veja* que tinha acabado de chegar, deixei um bilhete para os dois e fui ver minha mãe. Só que essa coisa de falar, que eu sempre fazia, eu não fiz. “Vou ficar quieta”. Fiquei sentadinha, dei um beijo nela, um carinho, e abri a revista. Comecei a ler. E aí ouvi uma respiração forte - minha mãe não fazia barulho nenhum não era nem como um vegetal, o vegetal ainda tem alguma oscilação, ela era como um mineral, uma pedra, de tão silenciosa. Aí esse ruído da respiração aumentou, e aumentou, pensei: “Algo está acontecendo”. E vi que a minha mãe ia morrer. Então eu botei ela deitada aqui no meu colo, e comecei a conversar com ela. Eu disse para ela o seguinte: “Minha mãe, está acontecendo. Está acontecendo... é isso mesmo, mamãe. Está acontecendo...” Aí inventei umas coisas. “Olha, papai está aí, seu pai está aí, sua mãe, eles estão aqui, e eu estou segurando você, minha mãe”. E aí minha mãe faleceu.

Eu considero isso uma bênção. No dia seguinte, eu já teria que me preparar para viajar. Como nós fomos a vida inteira uma e outra, não é, não tenho irmão, e se no momento em que eu nasci era ela quem estava, eu achei quase natural eu estar ali naquele momento também. E poder embalar minha mãe. E penso que foi um momento muito bonito e bom, para mim e para ela.

Não chorei na hora, sabe por que? Porque eu já tinha chorado, já tinha me despedido da minha. No dia que a minha mãe não me reconheceu mais, eu falei: “Minha mãe morreu. A minha mãe. Não tenho mais mãe”. E aí convivi durante anos com o clone da minha mãe. Que eu amava, que eu respeitava. Eu fui chorar no mesmo dia, mas bem depois.



**Jorge:** E... aproveitando que você contou isso tudo, não é, muito bonito, e que você está fazendo a peça agora, *Alma Despejada*, que tem uma tonalidade, vamos dizer, bem forte, espiritual: você é religiosa? você conseguiu lidar com isso como um diálogo com a religiosidade, seja qual for? e como esse tema na peça - não se pode falar muitas coisas da peça, mas especificamente como esse tema da peça bate nisso, se você escolheu esse texto também tocada por isso...?

**Irene:** Logo no início desse texto da Andréa Bassit o espectador fica sabendo que essa personagem já morreu. Mas não foi isso que me tocou no texto, foi um somatório de coisas. Acho muito bonito, muito bonito, muito delicado, e é divertido; ela consegue falar desse assunto e não ser pesado, por incrível que pareça; e também tenho chance de falar um pouco sobre o panorama político do nosso país, que é uma coisa que eu não fazia há muitos anos. Há muitos anos que eu não subia num palco para falar de corrupção. Eu fiz um teatro bem político na década de sessenta, e de lá para cá muito pouca coisa. Um teatro às vezes feminista, mas não dando nome aos bois. *Alma Despejada* não é um texto que defenda uma ideia política, é um episódio que aconteceu na vida daquela mulher, e que envolve política. E isso me agradou bastante.

Fui criada na igreja católica, apostólica, romana. Eu tenho umas coisas muito antiquinhas. Eu nunca... eu nunca dei em cima de ninguém. Eu esperava que o rapaz viesse. Porque eu trocava um olharzinho ali com ele, mas eu mesma levantar, essa coisa desinibida que hoje as meninas têm, e que deve ser bom pra elas, não achava legal. Eu gostava que viessem até mim. Me tirassem pra dançar, e coisas parecidas. Hoje, quando vou à missa, vou para acompanhar o Edison; o Edison vai à missa todos os domingos; eu gosto do Evangelho, faço adaptações em algumas rezas, (*risos*), eu não acredito na igreja católica, então na hora do Credo eu pulo esse pedaço. Mas eu adoro rezar a Ave Maria, me comove rezar o Padre Nosso, quando tem um filho doente, um neto doente, eu rezo pra caramba, acho que existem umas coisas que não são muito explicadas, não vou atrás, porque acho que não cabe a mim... De qualquer maneira, eu me via mais recatada e do lar, mais quietinha, com as minhas coisas. Por que? Porque as minhas avós eram assim. E eu gostava desse jeito.

Eu estou falando isso porque... já me perdi, olha só! O que é que eu estava falando antes? (*risos*)

**Jorge:** Da religião.

**Irene:** Da religião, pois é. Essas coisas: “Ah, mas um dia você ‘escutou!’” Eu acho esses relatos importantes, porque nessas vezes eu estava muito distraída. Aliás, todas as vezes, porque outras vezes também me aconteceram coisas assim, e é sempre quando eu estou distraída. Quando você fica à toa na vida, né... alguma coisa acontece. Então, então eu não vou atrás. - eu acho que, se eu tiver que saber, virá até

mim, eu não tenho que ir atrás. Porque é um terreno desconhecido... sabe aquela coisa de que a criança te faz uma pergunta, aí você vai respondendo além do que ela perguntou?

**Jorge:** Sem ser necessário

**Irene:** A gente deve responder aquilo que foi perguntado e pronto. Aprendi isso. Então eu acho que, se existe alguma coisa e se essa coisa quiser se comunicar comigo, é um problema dela, como diria a minha mãe (*risos*). Lido de uma forma confortável com isso hoje em dia; algumas coisas eu ainda acho que são esquisitas, mas...

**Jorge:** E você acha que isso facilitou a você lidar com esse texto?

**Irene:** Acho que foi tudo o que já passei, tudo o que veio na minha vivência. Você vai somando, você vai se emprestando para um personagem, vai aprendendo com ele... Eu tive com um diretor de quem eu gosto imensamente, Elias Andreato. O Elias está em cartaz no teatro Eva Herz, às 17 horas, com um espetáculo chamado *Arap*, que são textos do Fauze Arap (Fauze Arap foi um ator, diretor, e depois que ele morreu a família disponibilizou alguns escritos dele); é um espetáculo denso, difícil, bonito, bonito, texto lindo, que fala sobre a loucura do artista. Aí o Elias, como é que pode? vai pro Teatro Folha, se veste de mulher, bota uma peruca, um salto alto, e faz *Amigas Pero Non Mucho*. É uma maravilha de intérprete, de disponibilidade como ator. Esse olho bom, ele tem como diretor. É um diretor que trabalha em cima do prazer, do que é prazeroso, do afeto.

Eu já trabalhei com alguns diretores que, ou porque não sabiam fazer de outro jeito, ou porque achavam bacana, propunham um caminho muito áspero. Acredito que não vou achar engraçado voltar a trabalhar com gente assim. Sabe por que? Não tenho mais tempo. A minha fita métrica é curta (*risos*).

Tem um diretor muito talentoso que eu achava um porre, o Gerald Thomas. Não entendia nada do que ele fazia. Nada. Um dia eu pensei assim: "Imagina se eu estou aqui assistindo o Gerald Thomas, tenho um ataque cardíaco e morro. Imagine que eu tenha que conversar com alguém, sei lá, com São Pedro, ou coisa parecida. Ele vai falar: "Deixa eu ver a sua ficha, Irene. Ah... morreu... ataque cardíaco... é... Assistindo Gerald Thomas??!!!" (*risos*) Irene, você não tinha nada melhor para fazer??!!!" Eu te dei uma vida, pra quê??!!!" Então eu fico pensando essas coisas...

A minha fita métrica é curta para aguentar pessoas que não foram se resolver, e jogam pra cima da gente os seus problemas... não acho graça. Tenho uma boa compreensão e elasticidade para aguentar o tranco de um problema, de uma adversidade, mas, para determinadas coisas que a pessoa já devia ter resolvido há bastante tempo, num bom divã, não. Não.

**Jorge:** Você falou já das mulheres da sua vida, da sua mãe, das suas tias, e tal...

**Irene:** Quer que eu fale dos homens? (*risos*)

**Jorge:** Não, eu quero que você fale um pouco das mulheres do palco. E principalmente o que ficou para você dessas mulheres da sua carreira. As felizes, as que tinham uma temática mais política, a de *Braços Abertos* (que para mim é super marcante)...Porque você constrói uma personagem, mas também aprende com elas; provavelmente elas te dão muito e vão te reinventando... embora você não queira essa palavra...

**Irene:** Você nunca mais é a mesma pessoa depois de um personagem. É como conviver com um amigo. Você aprende coisas, gosta daquelas coisas do amigo... eu sou tão grata... eu tenho amigas de quem eu posso dizer: “Com essa aprendi isso, essa me ensinou outra coisa...”. Personagem é da mesma maneira. Acho que eu sou também muito resultado das minhas personagens.

Hoje em dia eu não tenho, assim, um princípio: “Ah, o texto é do autor, não pode mexer”. Principalmente em televisão. Por que é que eu não posso mexer? Por que não vou trocar essa palavra? Eu estou trabalhando para aquilo, eu me dedico muito a estudar o que eu faço, não é um palpite ocasional; se eu vou mudar alguma coisa é porque creio que aquilo seja o melhor não só para o personagem, como para a cena, porque eu não faço isso só com os meus personagens, eu vou investigando os outros também. Eu gosto de ler. Eu sinto o maior prazer em ler tudo. Hoje em dia são raros os atores que leem a novela: eles leem suas cenas. Eu sei o meu papel, sei o dos meus colegas, sei tudo. Não é porque sou aplicada, é porque me dá prazer. Tenho muito prazer de fazer isso.

Numa novela, o diretor diz que o capítulo ficou muito longo, e o editor precisa cortar para chegar ao tempo certo. Ele corta uma cena inteira, ou ele corta uma pausa, que o ator achava importante. Se eles têm liberdade para fazer isso, eu tenho liberdade também para dizer assim: “Olha, essa frase aqui está mal construída, nessa frase aqui você repete essa palavra duas vezes, pra que? É mau português, não faça isso”. Alguns autores gostam. Mas eu não sirvo para aquele autor que diz: “Ah, no meu texto não mexe”, porque o meu jeito de trabalhar é outro. E eu gosto do meu jeito de trabalhar. Evidentemente que eu não chego e faço; antes eu converso com o diretor; tem-se provado que na maioria das vezes foi boa a mudança.

Não quer dizer que eu esteja certa, não, isso, ninguém está certo o tempo todo, mas é muito bom quando eu consigo ter um diretor a quem eu posso chegar e dizer: “Olha, nessa cena, isso aqui, olha como é que resulta nisso”, e não são só nas minhas cenas.

Tem dois trabalhos que eu não queria pra mim: ser autor e trabalhar na produção. É um trabalho de gente maluca. É de gente louca. Principalmente autor de novela, é insano aquilo. Então, por melhor que ele seja, muitas vezes escapole alguma coisa.

Não dá, ele não é deus, nem semideus. Aí ele pega uma atriz que gosta de ler, e de se perguntar, que colabora, que quer melhorar.

Tem uma frase que eu adoro, da Glorinha Beuttenmüller, que é uma fonoaudióloga que foi minha professora e que continua sendo minha mestra, embora não me dê mais aulas; ela mora no Rio de Janeiro, hoje bastante debilitada, mas eu sempre recorro a ela. E ela diz uma coisa: “Não basta gostar; tem que ter gosto de gostar”. Eu acho que eu tenho gosto de gostar da minha profissão.

**Jorge:** E esse gostar de gostar, você acha que foi importante para você? hoje você tem todo o debate, né, os feministas, você quase me convidou para fazer uma pergunta sobre os homens, não é, *(risos)*... Então, eu queria que você colocasse isso: se o fato de você ter esse amor pela profissão foi a principal questão para você ter filhos, você acabou de dizer que você ia para o Paraná para acompanhar o Edison, quer dizer, você se desdobrava entre a carreira que você construiu e todo o seu papel de mãe, e toda a sua vida, casamento, etc. Como você conciliou isso tudo e o que foi mais importante para você conciliar isso tudo.

**Irene:** Nem sempre eu conciliei do jeito que eu gostaria, não. Eu acho que eu fiquei devendo bastante. Principalmente como mãe. Muitas vezes eu preferia estar lá, junto do meu filho, do que tendo que fazer – e às vezes não era nem o trabalho, a peça, ou a novela, ou o filme – eram coisas paralelas ao trabalho que muitas vezes eu ia fazer porque acreditava que aquilo seria importante. Não, o mais importante era ter ficado ao lado do meu filho. Não há a menor dúvida. Ponto.

Então isso não é uma coisa ainda bem resolvida. “Ah, então, você tem culpa?” Lógico! Lógico! “E você não foi tratar disso em terapia?” Sim! O fato de saber conviver com ela não quer dizer que eu não sinta. E eu chamo de culpa porque eu podia ter escolhido. Ah, eu tenho um monte de razões para dizer porque eu não escolhi. E daí? Então, nesse capítulo, eu fiquei capenga comigo mesma. Os meninos acham que eu sou louca. São bem resolvidos em relação a isso? Eles dizem que são. Eu fiquei me devendo essa, é como se eu fosse... como se eu tivesse ido à Itália e não tivesse visto Veneza, que é o lugar da minha predileção. Poxa, fiquei me devendo... então, tem uma Veneza meio perdida aqui no meu roteiro de mãe.

Eu tenho uns devaneios; as pessoas dizem que é bom que eles só acontecem na minha cabeça, que se virarem realidade eu não vou aguentar. Aliás eu acho tão engraçado, a vida é sua, a verdade é sua, e quando você quer fazer uma mudança, alguém diz assim: “Ah, mas você não vai aguentar”. Eu sempre acho que tenho a possibilidade de uma vida em paralelo, e que não a estou vivendo. Me pergunto coisas como: o que é que eu estou fazendo morando em São Paulo? *(risos)*. O que é que eu estou fazendo quando eu vou morar no Rio? Aí eu me vejo morando em uma cidade pequena. Meus amigos que moram fora de São Paulo, por exemplo em Campinas, eles aproveitam muito mais São Paulo do que eu. Quando eles veem aqui, num final de semana prolongado, eles já veem com agenda: eles vão a museus,

compras, restaurantes, teatros, shows, já tem a van para levar... Eu sou preguiçosa; não consigo me organizar pra ter essa vida ativa. E não acho graça nesse barulho todo que nos envolve, não acho a menor graça em ficar no trânsito. Há muito tempo, o Jaime Lerner, que foi governador do Paraná e prefeito de Curitiba, encomendou um estudo que mostrou a enorme diferença de tempo gasto no trânsito pelo paulistano e pelo curitibano. A cidade ficou violenta, eu tenho medo, não gosto mais de sair à noite, prefiro sair durante o dia, encontrar pra almoçar... Não acho que isso seja normal. Nós fomos nos adaptando. Há cidades em que as pessoas saem à noite e não têm medo; há cidade onde as pessoas podem falar ao celular na esquina.

Eu acho que aqui existe um exagero de celular, de alguma forma, parece que não pode ficar um minuto sem o celular, que algo vai acontecer; estou falando com uma pessoa que não tem celular, o que eu acho uma maravilha.

Mas de qualquer maneira não é assim que eu me via, eu me via mais recatada e do lar, mais quietinha, com as minhas coisas - por que? Porque as minhas avós eram assim. E eu gostava desse jeito.

Eu tenho três netos. Eu tenho uma neta que fez três anos em março, eu tenho uma neta que tem dezoito anos, que faz Faculdade de Artes Cênicas na Belas Artes, aí na Vila Mariana, e eu tenho um neto com vinte e cinco anos que é ator e mora no Rio de Janeiro. No meu imaginário, eu tenho um quarto todo forrado de tatame, onde todos nós vamos ficar embolados, dormindo naquele tatame. É só na minha cabeça! Eu me preparei para ser uma avó que fazia doces para os netos; o primeiro neto não gostava de doces, a segunda neta não gosta de doce, olha que gente esquisita (*risos*). A pequenininha come qualquer coisa; o que você der para ela comer, ela come.

Mas esses devaneios, ainda mesmo com a minha carreira, mesmo trabalhando, mesmo deixando meus compromissos, mesmo pegando avião, e vai, lálálá... fazem parte do meu imaginário. E as pessoas dizem assim: "Ah, você não vai aguentar ficar sem trabalhar". Por que? Que coisa é essa, que as pessoas acham que a gente tem que estar trabalhando, trabalhando, trabalhando.... parece tudo escrava Isaura... o que que é isso? (*risos*) Eu adoro, eu tenho uma vocação para vadia como poucas pessoas que eu já conheci na minha vida (*risos*). Eu gosto de viajar, eu gosto de ficar com os meus amigos, eu gosto de comer, de preferência coisas que eu não posso comer (*risos*), aí eu não como... há anos eu não sei o que é um bife à milanesa, olha que pecado (*risos*) - não é um pecado?... mas eu acho que estou fazendo algo de bom para as minhas coronárias e coisas que tais. As minhas avós se jogavam no bife à milanesa, e não morreram por isso... (*risos*).

Ah, bom, deixem eu falar dos homens. Eu me casei duas vezes. A primeira vez em 1963, fiquei casada até 1967. Entre 67 e 71, eu não fui muito namorada. O que eu acho uma pena, acho um desperdício, mas eu não era. Eu ainda sou daquela época em que o homem levanta e tira a mulher para dança, isso acabou, e como eu disse, parece que as meninas estão se dando muito bem, não sei se os homens estão, mas

as meninas estão. Aí eu me casei em 1971, com um jornalista. Gosto. É bom casar com um jornalista (*risos*). É. É uma gente interessante. Meu primeiro filho hoje tem cinquenta e quatro anos – meu Deus do céu, é tão esquisito ter um filho com mais de meio século... (*risos*) mas que bom, que bom – e meu segundo filho tem quarenta e seis anos. E graças a Deus ainda tenho coisas de mãe. Ainda bem, ué, o que é que eu sou? Sou mãe! Então tenho que ter coisas de mãe.

No capítulo “Feminismo”, eu nunca entendi porque, se os dois têm a mesma capacitação profissional, o homem ganha mais que a mulher. Isso é uma coisa que eu nunca entendi e continuo sem entender. Essa eu sempre pensei que fosse ser a grande luta das mulheres. Mas eu vejo que aqui no nosso país a grande luta das mulheres é para sobreviver, às vezes a seus companheiros, à brutalidade doméstica. Pelo que o noticiário nos mostra, parece que isso só aumenta.

Uma outra faceta do ser humano que me intriga muito é o seguinte: o exemplo não serve. Eu me refiro a esses homens violentos; será que eles não se olham no espelho, não falam: “Não quero isso para mim, não quero ser esse homem”?

Outra coisa também que não entendo muito – eu sou muito primária, muito, não sou uma pessoa elaborada – são as nossas passeatas na paz e na tranquilidade. Acontece um crime, contra uma criança, e a passeata é lá no Cristo Redentor. Não! Tem que ser na frente da casa do governador do Rio de Janeiro! Isso na minha cabeça. Primária.

Enfim, são caminhos que eu não entendo, os caminhos da mente.

Essas questões... às vezes eu acordo no meio da noite, e penso. Todo mundo aqui... quem é que dorme aqui direto, deitou e dormiu bonito? (*mãos se levantam*). Um... não tem cabeça, esse... (*risos*). Você dorme direto? Olha a inveja, olha a inveja... (*risos*). Você dorme? Com ou sem remédio? (*risos – respostas da plateia*). Você dorme direto sem remédio? (*plateia: “Só que eu não tomo água de noite; às vinte horas eu paro de tomar água”*). Olhe, eu sempre achei, Giulio (*dirigindo-se a Giulio Vicini, na plateia*) que você era o meu ídolo, mas agora é ela! (*risos*) Ah, como é que consegue. (*plateia: “Eu acho a maior felicidade”*) Mas é mesmo. Você é luxuosa! Nem você sabe! (*risos*)

Há outra coisa. Lembram que eu falei que meu marido e eu assistimos séries diferentes? Lá no Rio de Janeiro nós temos quartos separados: é uma maravilha (*risos*). É uma maravilha. A gente podia marcar hora para fazer xixi junto, não é, marido e mulher? (*risos*) Não! Um levanta, depois o outro levanta... e o Edison volta e dorme, e eu não; no que eu levantei para fazer xixi, eu pensei nas pessoas que deviam estar jogando uma bomba na porta da casa do governador do Rio de Janeiro (*risos*), já pensei no casamento do meu filho... eu já pensei tudo. Olha... o que faz um xixi! (*risos*) Aí esta pessoa não dorme. Agora, se eu ligar a televisão, é um sonífero: durmo imediatamente. Aí ele acorda... (*risos*). Isso se constitui num problema lá em

casa. Mas nós estamos casados desde 71, e acho que a gente vai continuar, não é, Edison? Vai? *(risos)* Você vê, a mulher pergunta: “a gente vai continuar?”.

Eu gosto de ser casada, eu gosto de ter uma família. É uma coisa que me faz bem. Como mãe, não é sempre que eu tenho os filhos comigo nos Natais; eles têm as famílias das mulheres também. Eu acho que é assim mesmo, eu acho que é bom que seja assim; mas continuo gostando da ideia do tatame, de todo mundo junto no tatame, assim como da ideia de morar fora, num lugar pequeno... e eu até já elegi uma cidade para morar; é lá no interior do Rio Grande do Sul, Garibaldi *(manifestações da plateia: aaahhh....)*. Eu acho uma gracinha, e é perto de Bento, e eu gosto de beber vinho *(risos)*.

**Maria Celia:** Eu preciso encerrar, pelo menos fazer um pequeno intervalo, e com muita dificuldade, porque está tão bom... mas... temos um horário... para Irene e Jorge temos lembranças do Ideac e doces de Tatuí, cidade conhecida pela música e pelos doces, e vamos também sortear algumas prendas e alguns doces para a plateia... Esses doces são ofertados pelo fisioterapeuta Ivan Rezende, tatuiano, que foi presidente durante seis anos do Lar São Vicente de Paula em Tatuí, um trabalho voluntário, muito difícil, desse Lar que é um lugar maravilhoso.

**Irene:** Olha aí, que coisa boa, que bom ter vindo! *(risos e aplausos)*

**Jorge:** Só para a gente não esquecer, a Irene está em cartaz no Teatro Porto Seguro, com *Alma Despejada*, quartas e quintas às 21 horas.

**Irene:** Deixa eu falar uma coisa, já que falamos em Tatuí, vamos falar da Vera Holtz. A Vera Holtz, com o Marcos Caruso, foram para Portugal; eles estão fazendo o espetáculo que eu fiz com ele, e que ela já fez também, chamado *Intimidade Indecente*; eles estrearam de uma forma maravilhosa, muito bonita; ontem teve o Globo de Ouro, apresentado pela televisão portuguesa, que faz a premiação de teatro, e foi uma coisa linda, e eles foram os apresentadores; a Vera estava chiquíssima, o Caruso é sempre elegante, e a Maria do Céu Guerra, que corresponde à nossa Fernanda Montenegro lá em Portugal, é uma atriz extraordinária - já tive oportunidade de vê-la em cena - foi premiada pela carreira e ela falou da nossa Fernanda, e foi muito aplaudida; falou sobre a nossa Fernanda Montenegro, o que aconteceu com ela, a deselegância que o diretor da Funarte cometeu, caso não saibam, e foi muito lindo. Deu para ver pelo CIC.

*(Oferecidas as lembranças do Ideac para Irene e para Jorge. Feito o sorteio para a plateia de um Calendário dos Afetos, de um Calendário das Finanças, de um Conta Essa, Vô, Conta Aquela, Vô, do Ideac, e de dois pacotes de doces típicos de Tatuí.)*

**Maria Celia:** Quero perguntar a Jorge e Irene se têm uma palavra final para nosso pessoal. Um recadinho final, uma despedida.

**Irene:** É agradecer, dizer que gostei muito de ter vindo aqui. Muito obrigada, muito obrigada pela atenção, e até uma próxima vez, que a gente se esbarre por aí...

Ah, e eu fiquei contente sabendo que era o Jorge Félix que estaria aqui, já li livro dele, agora vou ver o filme dele.

**Jorge:** Muito obrigado!

*(Aplausos).*

\*\*\*